

# O futuro paranaense em seu meio natural: a escrita de Domingos Nascimento e a produção de uma identidade ao Paraná no início do século XX

*Fernanda Lorandi Lorenzetti*  
Mestre em História (UFGD)  
Licenciada em História (UNICENTRO)

**Resumo:** Este artigo analisa obras do paranaense Domingos Nascimento escritas no início do século XX. Busca-se perceber de que forma o autor, membro da elite intelectual republicana paranaense, das forças armadas e do governo do Estado, tentou criar um Paraná ideal. Esse Paraná ideal, caracterizava-se, primeiramente, pela existência de um meio natural considerado magnífico e útil para o progresso. O intuito identificatório do autor em relação ao Paraná estaria ligado aos aspectos naturais do Estado, principalmente quando esses se interligavam com potencialidades econômicas, especulações em torno de um território e de uma população ideais. Muitas das proposições de Nascimento advinham do contexto em que esta inserido, já que sua escrita está permeada de considerações a respeito dos melhoramentos técnicos, da evolução ocasionada pelo uso de maquinários, da defesa do progresso baseado na racionalidade e na manutenção da ordem.

**Palavras-chaves:** Natureza; Progresso; Identidade; Paraná (estado).

**Abstract:** This article analyzes the work of Paraná state writer Domingos Nascimento in the early 20<sup>th</sup> century. I seek to understand in what way the author has tried to establish an ideal Paraná state, marked by the existence of a 'magnificent' natural environment, useful to progress. The author had a specific identification intent towards Paraná state, connected above all to the natural features of the state, particularly when they had economic potentials, as well as idealized territorial and populational speculation. Several proposals by Nascimento came from the fruitful context in which he was inserted, since his writing was permeated with thoughts on technical improvements, the evolution brought forth by machinery use, and on the defense of progress based on rationalities and the maintenance of order.

**Keywords:** Nature; Progress; Identity; Paraná (state).

**Resúmen:** Este artículo examina obras del autor Domingos Nascimento al comienzo de siglo XX. Se busca comprender de que forma el, miembro de la élite intelectual republicana, de las fuerzas armadas y del gobierno, se le intentó establecer un Paraná ideal. Este Paraná ideal, se caracterizava, primero, por la existencia de una naturaleza esplendida y util para el desarrollo. El intuito de identificación de este autor en relacion al Paraná, encendido a los aspectos naturales de el Estado y quando estes se interconectavam con el potencial economico, con las especulaciones alrededor de el territorio ideal, productor de una población también idealizada. Muchas de las proposiciones de Nascimento vino de lo fertile contexto, ya que su escrita es impregnada de consideraciones a respecto de las mejoras tecnicas, de la defensa del desarrollo baseado en la racionalidade y en la manutención del orden.

**Palabras-clave:** Naturaleza; Desarrollo; Identidad; Paraná (estado).

Domingos Nascimento nasceu na cidade de Guaraqueçaba, litoral paranaense, em 1863. Ao atingir a maioridade, seus pais, o pescador Francisco Luiz do Nascimento e a indígena guarani Antonia Luiza do Nascimento, não tendo condições de financiar seus estudos, enxergaram na carreira militar a solução para a frágil situação financeira que enfrentavam. Assim em 1881, Nascimento partiu para o Rio de Janeiro, para estudar na Escola Militar da Praia Vermelha, onde ficou até 1886, período este de forte envolvimento com o positivismo, dado o fato de ter sido aluno de Benjamim Constant. Seus estudos se completaram no Rio Grande do Sul, na Escola Militar de Porto Alegre, quando filiou-se ao Partido Republicano Rio-grandense (PRR), comandado pelo político gaúcho Júlio de Castilhos. Inclusive nesta época atuou como jornalista em “A Federação”, jornal de cunho castilhista. Após esse período de formação, retornou ao Paraná, em 1889, e passou a residir em Curitiba.

Em sua trajetória, que se encerrou em 1915, comandou o Batalhão Patriótico 19 de Dezembro, quando da invasão da Armada carioca em território paranaense em 1893, escreveu a letra do hino do Paraná, publicou várias obras, algumas poesias, outras em prosas, além de discursos, descrições, contos, matérias de jornais e outros. Militar, jornalista, poeta, positivista, republicano, simbolista e deputado estadual. Homem de muitas funções, inserido em várias atividades díspares.

O objetivo deste artigo é tecer uma análise a respeito de algumas obras de Domingos Nascimento que dizem respeito especificamente ao Paraná e aos paranaenses, de modo a estabelecer qual a identidade almejada por este autor em relação a sua terra natal e a seus conterrâneos. Na tentativa de delimitar a abordagem, serão levantadas questões acerca do modo como esse indivíduo percebia a natureza do estado como um elemento forjador do homem e da sociedade paranaense. Suas concepções a respeito do meio natural irão nortear suas reflexões sobre o Paraná, sejam quanto às potencialidades econômicas, o comprometimento com a racionalização da produção agrícola ou mesmo a delimitação de fronteiras através do aproveitamento dos marcos naturais, como os rios, por exemplo.

As reflexões de Domingos Nascimento a respeito do Paraná ampliam-se a partir de 1903, momento em que é designado a participar de uma expedição militar que tinha como intuito verificar a situação de algumas colônias militares estabelecidas no extremo-oeste paranaense. Esta viagem teve início em Curitiba, alcançava as cidades de Ponta Grossa e Guarapuava, via estrada de ferro, de onde partia rumo à Oeste por algumas picadas construídas por extratores de erva-mate. O objetivo era chegar à colônia militar da foz do rio Iguazu – que mais tarde originaria a homônima cidade. Deste local o grupo de militares adentrou em território argentino, regressando ao Paraná pelo atual Oeste

catarinense, na época região contestada pelos governos dos dois estados. Deste local a viagem rumava para Curitiba. Foram cerca de três meses de viagem entre a saída e a chegada à capital.

Desta excursão Domingos Nascimento escreveu “Pela Fronteira”, que é considerada sua principal obra. Foi a partir dela que seu olhar acerca do Paraná se concentrou fortemente sobre a constituição da natureza do estado.<sup>1</sup> Embasado por esses novos questionamentos, em 1908 publicou “Flora têxtil do Paraná”. A intenção de Nascimento com esta obra era verificar como através de algumas plantas encontradas principalmente no litoral paranaense, podia-se obter fibras a serem utilizadas na produção de tecidos, cordas e redes. Na seqüência, em 1914, Nascimento publica “Hulha branca no Paraná”, em que aborda a utilização das quedas d’água existentes no estado para a obtenção de energia elétrica. Neste conjunto de obras a relação existente entre a natureza e a preocupação com a constituição identitária paranaense é uma constante. Observa-se que a identidade territorial, assim como do próprio paranaense tinham imbricações com o meio natural.

De início é interessante notar que Nascimento estabelece a existência de dois Paranas: o primeiro, considerado exemplo de civilização e modernidade, referia-se à Curitiba, aos Campos Gerais (Guarapuava e Ponta Grossa) e ao Litoral. Já o outro Paraná, o “sertão”, incluía o Oeste, o Norte e Sudoeste, locais pouco povoados, sem contatos intensos com a governabilidade, com escassez de estradas e meios de comunicação e por isso caracterizavam a barbárie e a irracionalidade. Essas diferenciações também diziam respeito à constituição natural paranaense, pois haviam distinções entre a natureza do “sertão” e da “civilização”. A natureza paranaense era concomitantemente endenizada e demonizada por Domingos Nascimento.

O “sertão” e sua natureza eram vistos como locais insalubres e de pouca higiene. Em um momento de sua viagem pelo interior, Nascimento lembra que: “[...]por toda aquela zona que vou passando fervilha a murisoca, insecto terrível para morder, como ainda pelas choupanas pullula o pique, bicho de pé, proveniente do grande desenvolvimento da criação suína.”<sup>2</sup> Os insetos, as doenças, as choupanas mal-cuidadas, a criação de animais sem o mínimo de limpeza são características do “sertão”. São empecilhos para o desenvolvimento, para a obtenção da ordem. A floresta densa que o interior possuía fazia retardar a construção de estradas e desta forma, inviabilizava que os modos “civilizados” de viver, casas de madeira e alvenaria, ou mesmo aspectos mais modernos da

<sup>1</sup> Até aquele momento Domingos Nascimento havia publicado o livro “Revoadas” (poesias) em 1883, “Trenos e Arruídos” (poesias) em 1887, “O Sul” (narrativa sobre a Revolução Federalista) em 1885 e “Pelo dever” (discurso de iniciação no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina) em 1902.

<sup>2</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.91.

criação suína, chegassem ao Oeste paranaense.

A natureza desordenada, assombrava-o por ser dificilmente dominada. O “civilizado” viajante pouco consegue diante de tal espetáculo, já que é conduzido ao acaso, sem prévio aviso e incidentalmente: “[...] Confusão assombrosa de folhagens e flores, raízes, rhizomas e vergôntes, num entrelaçamento vigoroso e bizarro, formando imensas abobadas sustidas por columnatas, como arcadas sombrias de cathedraes vetustas.”<sup>3</sup> A natureza assusta o autor pelo seu desconhecimento e pelo descontrole, pelo seu desregramento e até imoralidade, pois misturam-se inconsequentemente as folhagens, flores, árvores, líquens, cipós, que formam um quadro discrepante, como abóbadas de uma igreja mal feita, onde misturam-se as técnicas de arte, transformando o possível belo em feio e bizarro. Em contraposição havia o desejo de uma natureza harmoniosa, esteticamente limpa, sem essa confusão e desordem. O que perturbava Nascimento era a forma irracional como a natureza se desenvolvia. Seria preciso humanizá-la, instituí-la com elementos racionais, organizados e civilizados.

Nascimento estabelecia comparações entre o Oeste, representado como fronteira, sertão desnacionalizado e pouco habitado e os Campos Gerais e Curitiba, espaços considerados civilizados, integrados à nação e à modernidade. Assim, Nascimento traça comparações entre o litoral e o interior, apontando que: “Depois do sombrio e asphixiante das selvas, depois dos passos perigosíssimos, dos rios a vindear, [...] depois das picadas cobertas de lama e caldeirões tenebrosos e infectos, - a serena e plácida campanha a perder de vista, com os seus horizontes de um azul tênue, recortes caprichosos de longas restingas que se desenvolvem por zig-zags.”<sup>4</sup>

Sua viagem pelo interior do Paraná torna-se uma sucessão de sustos e de aventuras inesperadas. Por outro lado, os Campos Gerais eram considerados locais mais civilizados, serenos, calmos e límpidos. O interior era representado como o inferno, o perigo, o extremo da aventura e também da irracionalidade. “[...] o emmaranhamento das florestas era a escravidão, o cárcere; a amplitude dos campos – a liberdade levada a tolerância.”<sup>5</sup> Em contraposição aos campos, locais abertos, respiráveis, de liberdade e civilização.

A experiência com o desconhecido causava sentimentos opostos em Nascimento: uma mistura de admiração, êxtase e terror, que acabavam por se

<sup>3</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.111.

<sup>4</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.57. Existem algumas distinções importantes em relação à vegetação paranaense, já que os Campos Gerais eram compostos, sobretudo por pastagens naturais, com poucas áreas de mata fechada. Já as regiões mais ocidentais do território eram em sua maioria formados por grandes extensões de florestas de araucária interpostas à um numero muito grande de ervas nativas. Já no que tange ao relevo, do litoral à Guarapuava existe a formação de escarpas montanhosas, o que não se observa no oeste, mais plano.

<sup>5</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.70.

confundirem. A emoção da novidade, as dificuldades encontradas no caminho, o medo, a dor, essas manifestações em relação à natureza se misturam à racionalidade cientificista dos sujeitos imbuídos desse espectro de modernidade e civilização. Para Losada, quando entravam em contato com esse mundo de novas imagens os viajantes “[...] ficavam extasiados, completamente envolvidos por tanta diversidade e mistério. Um mundo que não lhes pertencia, e muito os desafiava. O desafio moveu esses homens. Seu desejo de posse, sua sede de conhecimento.”<sup>6</sup>

O amedrontamento convivia com o encanto causado por essa abundância, por essa violência das forças da natureza no Paraná. O meio natural era intensamente amaldiçoado assim como enaltecido. Nascimento percebia o mundo com essa visão dual: o bem e o mal, o certo e o errado, civilização e barbárie, entre outros. A natureza era demonizada, mas também possuía vieses positivos:

O que a Flora semeiou pela terra, e brotou, e cresceu, e se fez arbusto para adorno; a Flora teceu para jardins e salas e boteiras de gosto, ali se ostenta maravilhosamente prodigioso: as folhagens coloridas em profusão de trepadeiras em flôr, as palmas em leques alternados pelo caule acima; zygopetaluns e miltônias e oncidiums da bizarra orchidacea, os cactus com uma infinidade de vários recortes, do mais verde claro ao mais vivo carmin, uns com seus odores suavísimos perfumando o ambiente, outros inodoros – ali ostentam as suas ramas e as suas tranças robustas e as flores cheias de frescor e de belleza.<sup>7</sup>

Tudo é contemplação e êxtase, deslumbre e fascínio. O que chama a atenção é o encantamento de Nascimento, essa sensação de fantasia e certa dose de alucinação que envolve sua escrita. A Flora e sua generosidade, a magnificência da natureza paranaense, as folhas, os caules, a variedade de cores, adornos, buquês, orquídeas deslumbrantes, leques de palmeiras, cactos perfumados, ornamentos, trepadeiras coloridas e uma variedade incontável de flores. A beleza estava na sua variedade e opulência. O que antes era visto como desordem, agora é caracterizado como perfeição, pelos matizes, odores e sensações prazerosas. A positividade da natureza do interior estava na majestosidade e na abundância.

<sup>6</sup> LOSADA, Janaina Zito. *Desejos e Melancolias: uma história da idéia de natureza no Brasil (1839-1870)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000. p.12.

<sup>7</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.85.

Os mais bellos representantes de nossa flora por alli se alteiam, ostentando os seus galhos robustos, as suas copas frondentes: a figueira, o cedro, o tarumã, o angico, recobertos de festões e trepadeiras das mais variadas cores, suspensas como redes engalanando a paisagem; plantas epiphytes, orchideas bizarras e lindas parasitas trepando agarradas aos cipoaes em busca de sol e seiva de outras plantas, caraguatás de palma côm de rosa pelos velhos cedros; bambinellas de barbas de velho cahindo do alto dos grandes madeiros, pardacentas e grisalhas, balouçando ao vento.<sup>8</sup>

Sem dúvida, Nascimento pinta um quadro com fortíssimas tintas sobre a natureza paranaense, caracterizada pelo esplendor, pela uberdade incrível e pelas potencialidades econômicas. Tudo é propositalmente exagerado, para dar a sensação de grandiosidade e extrema riqueza que considerava-se que o Paraná possuía. O Paraná é identificado por essa natureza dominadora e dominante, grandiosa e mais esplendorosa que dos demais Estados brasileiros, pois considerava que em solo paranaense a natureza atingiu seu auge, onde mais esmerou-se em beleza e prodigalidade.

Essa é uma das particularidades do Paraná, algo de inimitável e de superior. Possuir um meio natural peculiar envaidecia Nascimento, que inclusive considerava que o : “[...] que mais nos deve encher de orgulho é essa prodigalidade da natureza em nos favorecer com a posição, somente de onde pode ser visto o que as cataractas possuem de mais bello em panorama.”<sup>9</sup>

A natureza singularizava o Paraná e seria um fator de unificação dos paranaenses, por favorecer o surgimento de um sentimento de orgulho, de zelo e de dedicação ao Estado. Os pontos anteriormente destacados como negativos eram positivados, de forma que comprovassem a opulência das terras paranaenses. Os demônios eram de uma hora para outra exorcizados e a natureza passava a ser fator de identificação da superioridade do Paraná: “A nossa rede hydraulica é uma das mais ricas, recortando todos os seus accidentes em mais ou menos altitudes e cujo aproveitamento seria tão remunerador. As nossas poderosas cataractas do Iguassú e Paraná, reunidas distantes de 30 léguas uma da outra, produziriam uma potencial superior a todas as quedas d’água da América do Sul.”<sup>10</sup>

Para Nascimento não existiam concorrentes ao Paraná em matéria de recursos naturais. O meio natural adquiria aspectos positivos a partir do momento em que poderia ser utilizado economicamente e todos os usos sobre a natureza que não visassem capitalizá-la eram tidos como irracionais e não-lógicos. Para Nascimento era necessário ordenar, classificar e racionalizar tanto o homem

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.11.

<sup>9</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.140.

<sup>10</sup> NASCIMENTO, Domingos. *A hulha branca no Paraná*. Rio de Janeiro: Turnauer & Machado Cia, 1914. p.89.

quanto a natureza: “[...] A ênfase recaía na racionalidade das relações homem/natureza, entendida como otimização do uso dos recursos disponíveis (adoção do vapor, da estrada de ferro etc.). A não-utilização, em seus limites, de recursos naturais ou seu uso cerimonial [...] implicava obviamente a irracionalidade do não-europeu.”<sup>11</sup>

Deste modo, essas características positivas do meio natural paranaense e especialmente da região interiorana, passam a ter importância para a construção de um Paraná moderno, ligado a certa perspectiva de crescimento industrial e agrícola para, desta maneira, fazer frente aos demais Estados da federação. Assim, o destaque era dado no sentido de mostrar que os aspectos naturais do Paraná eram superiores e cuja singularidade o favorecia em relação aos demais. A identidade do Estado ligava-se inexoravelmente à sua natureza, mesmo que ainda não completamente racionalizada, mas que possuía possibilidades infinitas de crescimento e evolução:

Ahi [no interior] a vegetação é assombrosa de seiva e de pinturas empolgantes. Em todo o sertão que o rio rasga, a flora é riquíssima e intensa; as terras de uma uberdade admirável. Retouças de angico e canna fistula, próprios para cortume, cedros altaneiros e figueiras frondosas em promiscuidade com as perobas e as imbuías apropriadas para moveis, distendem os seus ramos robustos, coroados de folhagem verde-escura, dominando as florestas, limitando os horizontes.<sup>12</sup>

Cada planta possuía uma utilização específica, algumas poderiam ser utilizadas para os fornos dos curtumes, outras, mais nobres para a indústria moveleira. Tudo encaixava-se com perfeição, pois somente um espaço com uma natureza tão magnífica poderia projetar ao futuro a utilização destes recursos disponíveis em abundância.

A natureza deveria ser utilizada em benefício do Paraná, por isso seu caráter positivo estar diretamente atrelado às potencialidades econômicas. Nesse sentido, o machado deveria ser mais forte, a natureza deveria servir ao homem e não o contrário. Transpor as barreiras entre o conhecido e o desconhecido, vencer os caminhos árduos e difíceis, não temer os abismos era essencial.

O valor do meio natural não estava somente no fato de possuí-lo, mas no crescimento econômico que permitiria ter. Por isso, o Paraná é identificado como um local de prosperidades e progressos futuros, dado o meio natural tão

<sup>11</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “História das Paisagens” In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro : Campus, 1997. p.206.

<sup>12</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.15.

magnífico e incomparável que possuía. Nascimento não ocultava seu otimismo em relação às possibilidades de crescimento oriundos da natureza, não tinha medo de parecer frívolo e apaixonado em demasia, aliás, era essa sua intenção, ou seja, adorar a terra do Paraná e disseminar esse sentimento de patriotismo. Segundo o autor tudo conspirava a favor do progresso paranaense, a começar pela terra, a base segura em que a economia deveria se firmar. Seria a terra fértil, produtiva, que forjaria a riqueza do estado. A identidade paranaense estava assentada na natureza e nas possibilidades que oferecia: “A Natureza oferecia tantas imagens e tantas riquezas para o proveito do homem que não havia como negar sua importância. O meio natural vinha compor com os ideais de civilização que aquele século impunha.”<sup>13</sup> Da natureza podia-se ter aparições do futuro de progresso e evolução do Paraná. As transformações sobre a natureza serviam para enriquecer, civilizar e desenvolver. Nascimento cria uma imagem do Paraná como uma terra idílica de paraíso terrestre.

Para Domingos Nascimento seria necessário investir nos rios e preconizava a utilização das cataratas, como potencial turístico. Segundo o autor o governo brasileiro deveria investir no turismo propiciado pelas cataratas do rio Iguaçu, sobretudo porque os argentinos já haviam dado início à construção de um parque e de um grande hotel para os visitantes. Os paranaenses deveriam seguir os passos dos argentinos, ou mesmo dos norte-americanos que utilizavam para fim turístico as cataratas do Niágara. Ele propôs que se iniciassem estudos para a construção de um parque, um hotel para os visitantes e de infra-estrutura turística, como restaurantes. Ou seja, investir na divulgação das belezas naturais do Paraná iria garantir lucros para o estado. Dada essa potencialidade hidráulica o Paraná é definido como:

[...] o paiz das hulheiras brancas. A potencial de força accumulada em diferentes zonas do Estado, de norte a sul desde os altos do Paranapanema e o Ribeira até os do Uruguay e o Peixe, de leste a oeste desde os do Salto Morato e Cubatão até os do Iguassú e o Paraná, está exigindo os cuidados dos poderes públicos, no sentido da realização do ‘cadastro official da hulha branca’, numa exposição dessa poderosa riqueza publica, sem rival em nenhum outro Estado da Republica e como nenhum outro paiz do mundo possui.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> LOSADA, Janaina Zito. *Desejos e Melancolias: uma história da idéia de natureza no Brasil (1839-1870)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000. p.12.

<sup>14</sup> NASCIMENTO, Domingos. *A hulha branca no Paraná*. Rio de Janeiro: Turnauer & Machado Cia, 1914. p.89.



Nascimento lista os rios que poderiam produzir energia elétrica, considerada a força motriz do novo século. Destaca por exemplo as cataratas do rio Iguaçu, as Sete Quedas no rio Paraná, o Salto Morato, na região litorânea, as várias quedas de Prudentópolis e Guarapuava, entre outras esparsas por todo o Paraná. Hulha Branca seriam as quedas d'água, cataratas e cascatas em geral que permitem a transformação de energia hidráulica em energia elétrica, em alusão direta a hulha negra, ou seja, aquela fornecida pelos carvões vegetal e mineral. Para Nascimento, era imperioso utilizar a água para produzir energia, ou seja, transformar o selvagem em civilizado, racionalizar o que era até então desperdiçado. O objetivo dos investimentos em energia elétrica era promover a industrialização e o consumo doméstico: “Além dessas grandes massas, os saltos, as cachoeiras as corredeiras remugem por todas as zonas do Estado, só exigindo a sua captação para a electrificação dos caminhos de ferro, accionamento das usinas e fabricas, iluminação dos povoados, emprego econômico e útil nas habitações domesticas, e talvez em próximo estádio nas minas e galerias subterraneas e na própria navegação pelos mares e rios.”<sup>15</sup>

Nascimento, acreditava que a energia elétrica transformaria a economia paranaense, pautada ainda na extração de erva-mate e madeira. Essa transformação aconteceria através da utilização das quedas d'água para a obtenção de energia elétrica, e esta, por sua vez, contribuiria para a existência de outras indústrias que movimentariam ainda mais o Paraná. Na base a natureza, depois dela a eletricidade e como consequência as tão desejadas indústrias. Estava tudo tão facilmente disponível, difícil não ser otimista em relação ao futuro.

O Paraná, segundo o Autor, tinha as pré-condições necessárias para progredir. O meio tinha fornecido as possibilidades para que houvesse crescimento econômico e progresso, o grande presente com que o Paraná havia sido agraciado:

[...] a configuração de sua superfície formando planaltos; em gradações muito apreciáveis, determina a vazão das redes fluviaes, por diferenças de altitudes tão sensíveis que as velozes corredeiras e os grandes saltos declinando á acção da gravidade se opulentam em tal abundancia por toda a parte, que sem excesso de imagem poderá considerar-se o Paraná – a região das águas, o ninho das mais possantes fontes de energia hydraulica do orbe, em pleno painel. Eil-o, o paiz das cascatas.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> NASCIMENTO, Domingos. *A hulha branca no Paraná*. Rio de Janeiro: Turnauer & Machado Cia, 1914. p.89.

<sup>16</sup> NASCIMENTO, Domingos. *A hulha branca no Paraná*. Rio de Janeiro: Turnauer & Machado Cia, 1914. p.19.

A natureza também era positivada pelo seu aspecto agrícola. De modo que Domingos Nascimento acreditava que o Paraná, devido ao seu relevo, seria um grande produtor de carne bovina, digno de competir com outros estados da federação. No entanto, para que isso ocorresse era necessário investimentos em pesquisa, em técnicas adequadas de manejo de pasto, e no combate às suas pragas: “Desde que não haja estímulo nem sahida para as suas produções, os campos se conservarão estacionarios, os fetos e as hervas damninhas lastrando por sobre os gramados, inutilizando-o, taes como essa praga de samambaia que parece pretender afogar as melhores pastagens dos campos de Guarapuava.”<sup>17</sup>

As pastagens de melhor qualidade estavam sendo dominadas por plantas daninhas, ou pela irracionalidade e despreocupação do paranaense para com seu futuro. Não havia estímulo para que os moradores do interior pudessem dedicar-se à criação de gado, e por conseqüência não havia maiores preocupações em manter o pasto limpo, sem as incômodas samambaias que tomavam conta do espaço. Era necessário incentivar a população e mostrar primeiramente ao poder público as vantagens em utilizar os Campos Gerais para esse fim: “Só os campos de Guarapuava e Palmas dariam para o custeio do gado vaccum. Quando á industria cavallar, podiam fornecer a remonta de todo o nosso Exército, emquanto que os Campos Geraes forneceriam todas as especiarias das industrias agrícolas. Tudo porem nesses assuntos esta ainda por iniciar em nossa terra.”<sup>18</sup>

Os investimentos trariam novas possibilidades. O Paraná seria auto-suficiente quanto à produção de gado bovino. Não precisaria mais importar charque de Mato Grosso, via estuário do Prata. Isso porque Mato Grosso vendia o charque produzido em seus saladeiros para a Argentina, a qual, por sua vez, revendia, por um preço muito mais caro, ao Brasil, especialmente às zonas litorâneas. Haveria, portanto, o usufruto do charque pelos argentinos que lucravam com esta negociação. Logo, se o Paraná produzisse seus próprios bois não ficaria a mercê das desvantajosas negociações com os vizinhos platinos.

Outra possibilidade era o Paraná fornecer cavalos ao Exército brasileiro. Segundo Nascimento os cavalos dos Campos Gerais paranaenses eram menores e mais robustos do que, por exemplo, os cavalos argentinos, considerados mais “ossudos” e frágeis.

O cavallo do Rio Grande e do Paraná, de menor estatura embora, tem os cascos mais fortes, satisfaz-se por muitos dias com a grama verde dos poteiros e bebe qualquer água de paul; e como alimentação mais consistente exige apenas pequena ração de milho; com ou sem ferradura marcha da mesma maneira, airoso e firme, dias inteiros pelos nossos campos, pelos cerros íngremes; transpõe

<sup>17</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curytiba: Typografia da República, 1903. p.62.

<sup>18</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curytiba: Typografia da República, 1903. p.35.

pedregulhos ou caminhos calçados de pedras, sempre prompto, sempre resistente. É até mais modesto que seu rival platense: tenho licença para espojar-se, dispensa de bom grado outra sorte de banhos. Faça o governo federal a remonta de suas tropas com a cavahada natural do paiz, e há de ver como a industria pastoril toma incremento prodigioso em nosso excellentes e ate agora inproveitados campos.<sup>19</sup>

Para Nascimento, o futuro do Estado estava em diversificar a produção, aproveitar o que a natureza proporcionava, tornando o estado a terra da prosperidade e do futuro.

Porém, não adiantaria nada possuir todas as possibilidades econômicas se fosse pouco o investimento em melhorias e na racionalização da produção agrícola. Nascimento dedicou uma atenção especial à produção de tecido a partir da bananeira, principalmente na região litorânea: “Aproveitada a fructa, fica despresado o tronco [...] perdida fica enorme quantidade de fibras que poderiam ser aproveitadas para o fabrico de cordas, saccos e outros misteres da industria da fiação e tecelagem, desde que melhorado seja o beneficiamento das fibras.”<sup>20</sup>

Deste modo, Nascimento evidencia a despreocupação dos produtores de banana quanto ao aproveitamento do tronco e das folhas para a produção de cordas e fios. Além da bananeira, outras plantas poderiam ser utilizadas para a obtenção de fibras, como a imbaúba, as imbiras vermelha e branca, o imbirussú, o tucum, imbê, os ananazes e gravatás, a piteira, o lírio do Brejo. Essas espécies não eram completamente aproveitadas pelos agricultores paranaenses. Para ele, era preciso empregar esforços para tirar proveito dessas matérias-primas que seria tão lucrativas para o Paraná. E foi na tentativa de racionalizar a produção de fibras provenientes da bananeira que Nascimento desenvolveu uma máquina de desfibrar a bananeira: o Desfibrador portátil Nascimento.

O aparelho de meu invento e que figura na seção de fibras do Paraná, na Exposição nacional, aperfeiçoa o trabalho indígena [manual], satisfaz a todos os requisitos de uma machina desfibradora destinada ao serviço dentro dos próprios bananaes. Produz menor desperdício de fibras e poupa as enormes despezas com o transporte dos talos de bananeira que são pesadíssimos. Este *desfibrador portátil* muito simples, desmontável e leve, pode ser adquirido por um preço ao alcance de qualquer plantador.<sup>21</sup>  
(grifos do autor)

<sup>19</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903. p.61.

<sup>20</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Flora têxtil do Paraná*. Curitiba: Livraria Econômica, 1908. p.12.

<sup>21</sup> NASCIMENTO, Domingos. *Flora têxtil do Paraná*. Curitiba: Livraria Econômica, 1908. p.30.

O interesse de Nascimento com este invento era o de tentar diminuir a perda de fibra que ocorria com a maceração pela qual as folhas passavam no método indígena. A máquina desperdiçava menos, era mais ágil, pois facilitava a obtenção da fibra, além de ser portátil, poderia ser facilmente carregada para dentro do bananal, era desmontável e podia ser adquirida por um preço módico. Deste modo, tinha-se mais fibra em menos tempo e um produto de maior qualidade. Domingos Nascimento esperava convencer a população do litoral paranaense – local das plantações de banana – a plantar mais bananeiras, aproveitar a fibra por ela proporcionada e usufruir do “Desfibrador portátil Nascimento”. Nos seus sonhos de futuro estaria um porvir glorioso ao Paraná, dominado pelas técnicas e pelas máquinas.

No final do século XIX e início do XX havia experiências e inventos de máquinas para tudo que se podia imaginar. Esses maquinários eram apresentados nas Exposições Industriais, que: “[...] passavam a demonstrar didaticamente o progresso e a imaginar o amanhã; os mapeamentos e inventos olhavam para os impasses do presente, mas de esguelha miravam o século seguinte; a ‘sciencia’ impunha-se como forma de redimir incertezas.”<sup>22</sup> Portanto, as exposições serviam para apresentar ao mundo as inovações técnicas e científicas que fariam parte do cotidiano das pessoas. As necessidades levavam às pesquisas e aos melhoramentos. Foi assim com o desfibrador de Domingos Nascimento, que inclusive participou da Exposição Nacional de 1908.

As exposições nacionais têm início ainda no Império, precisamente em 1861, na Escola Central do Rio de Janeiro, iniciativa que foi mais um arremedo das Exposições Internacionais do que uma mostra significativa de qualquer inovação técnica. No Paraná, a tentativa pioneira foi a I Exposição Industrial do Paraná, realizada em 1903, quando em Curitiba a Praça Eufrásio Correia foi tomada pela população curiosa com as “novidades tecnológicas” do Paraná e também com as comemorações do cinquentenário do estado que ocorriam juntamente a Exposição. Portanto, esses festejos tiveram um aspecto interessante, pois além do apelo futurista, eminente a todos os eventos desse tipo, ainda foi foco de rememoração, ou seja, de uma volta ao passado, principalmente devido à data da exposição, 19 de dezembro, quando se comemora a emancipação da província do Paraná. Houve assim a conjunção do passado e do futuro nas comemorações do presente.

De acordo com Hardman, o embricamento passado/futuro era a tônica dessas comemorações desde a Exposição da Filadélfia, em 1876, que comemorou oficialmente a passagem do centenário da independência norte-americana. Ou ainda em 1889, em Paris, quando dos cem anos da Revolução

<sup>22</sup> COSTA, Ângela Marques da. *1890-1914: No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.11.

Francesa. Chicago, em 1893, a “*Word’s Columbian Exposition*”, em comemoração aos 400 anos da viagem de Cristóvão Colombo à América e em 1904, quando do centenário da compra da Louisiana pelos EUA.<sup>23</sup> Essas simbioses temporais tinham uma característica pedagógica, pois serviam para orientar a população em torno de um passado comum e também para que houvesse um comprometimento dessa população com um futuro de progresso e melhoramentos.

Pretendia-se mostrar os progressos e avanços científicos, mas também unificar, fazer lembrar do passado e assim reverenciar o futuro. Por se tratar de um acontecimento de tal monta explica-se a preocupação da prefeitura de Curitiba em organizar brasões comemorativos, medalhas ou mesmo a revitalização da Praça Eufrásio Corrêa, com chafarizes e luminárias especiais. O desaparecimento das medalhas para os vencedores não foi enfatizada pelos memorialistas e pela imprensa para não ofuscar o brilho do evento. Anos mais tarde uma mulher achou-as entre os objetos de sua mãe recém falecida, que havia trabalhado como faxineira na Exposição Industrial. Na ocasião foram apresentados trabalhos monográficos, objetos representativos da economia do Paraná, foram expostos: “[...] trabalhos de marcenaria, como uma mesa confeccionada por Augusto Manassés, na forma de uma rosa dos ventos composta com cento e sessenta qualidades de madeiras da flora paranaense, além de outra mesa representando o mapa da América, oferecida ao presidente Roosevelt. [...] velas de cera, vinhos, plantas medicinais, erva-mate, pedras preciosas, cerâmicas, obras de arte.”<sup>24</sup>

Logo, recorreu-se o que tinha-se mais em mãos, ou seja, nada de experiências muito ousadas ou objetos sofisticados. A primeira exposição paranaense revelou uma sociedade ainda muito ligada ao campo, ao cultivo agrícola e à produção artesanal.

Mesmo vinculado ao setor primário, os anseios de industrialização eram muito grandes. O Paraná, por exemplo, foi participante ativo das exposições nacionais realizadas no século XX, se comparado a outras províncias mais populosas, percebe-se o grande interesse paranaense em demonstrar todo seu vigor industrial e suas potencialidades agrícolas. Assim, de um total de seis exposições nacionais ocorridas entre 1861 e 1889, o Paraná tem 126 participações, enquanto São Paulo com 110, Bahia com 86 e Minas Gérias, um dos mais populosos com 136 objetos expostos.

<sup>23</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.60.

<sup>24</sup> BALHS, Aparecida Vaz da Silva. “Símbolos e Monumentos: as comemorações de emancipação política nos logradouros de Curitiba.” In: *Publicato UEPG*. Revista de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguagem, Letras e Artes, Ponta Grossa, 2006, vol. I, nº 14, p.11.

Assim, o progresso coincidia com a indústria, com as máquinas e com as técnicas de produção. O futuro estava no desenvolvimento da indústria e dos modernos métodos produtivos. Contudo, as incipientes experiências “industriais”, como a fábrica de sabonetes, de velas e mesas de madeira estavam estritamente ligadas à manufatura e ao artesanato. A cena de que Nascimento era testemunha mostrava um Paraná mais agrário que urbano. Os desejos de indústrias estavam atreladas ao setor agrícola, principalmente ao que refere-se ao melhoramento das colheitas e o aproveitamento de matérias-primas. A modernidade que se propalava nos livros, nos jornais e nas exposições estava engatada ironicamente a uma carroça. Desta forma, o Autor paranaense é enfático ao afirmar que:

Não basta que as cataractas remujam e o arco-iris perpetuo corôe de esplendores as suas águas... Não basta que á eólia musical dos ventos múrmuros, rescendam as nossas florestas saturadas de pollens... Não basta que as montanhas íngremes cordoem de muralhas graníticas as nossas defensivas... Não basta que os nosso campos se cubram de lyrios olorantes e vergeis risonhos... os nosso rios corram entre paredões tenebrosos de rochas abruptas, as orlas bordadas de leques de palmeraes e festões floridos, as praias alvíssimas de um brilho faiscante. Não basta o grande mar, salso e rumuroso, beirando as costas, cavando angras e formando bancos, em seu intrépido e ulular... Alguma cousa mais, senhores! – a turbina, o comboio, o viaducto, a relha, o hélice, pela bocca das suas chaminés, pelo metal dos seus supportes, [...] a victoria do progresso, e finalmente, o HOMEM, rei do movimento, symbolo de matéria e força.<sup>25</sup>

Não bastava a natureza, suas belezas admiráveis, a suntuosidade da flora, as riquezas da fauna, as cataratas, as terras férteis, as praias paradisíacas, as cadeias montanhosas, as planícies, as palmeiras em leque, os sons dos ventos e do mar. Era necessário inserir o homem nesse cenário fantástico, o único ser capaz de utilizar proficuamente a natureza, de retirar dela o necessário para progredir, por meio de máquinas, estradas, engrenagens, chaminés e indústrias. Essa é a garantia de ingresso na modernidade, no progresso e na civilização. A natureza exuberante associada ao trabalho humano.

Nascimento mapeava o Estado e indicava o que poderia ser feito para a construção desse Paraná sonhado. Para isso, traçava planos e esquadrihava metas. Via longe, percebia nas minúcias lances grandiosos. Preocupava-se com

coisas que até então não preocupavam outros paranaenses. Queria construir um parque nas cataratas do Iguaçu, com o aproveitamento racional das fibras de plantas fazer tecidos, melhorar pastagens, garantir eletricidade para todos.

Assim, escrevia porque se desconhecia o Paraná, suas potencialidades agrícolas e industriais. Em sua opinião, “O Paraná possui, sim, como nenhum outro essa imensa e extraordinária riqueza, entretanto não lhe conhece o valor nem se lhe estudam as vantagens.”<sup>26</sup> Era necessário conhecer, viajar, enfrentar os perigos, produzir mapas e planos que acabariam por construir espacialmente o Paraná. O aproveitamento das riquezas estava ligado ao povoamento do território, logo ao seu desenvolvimento agrícola e industrial, porque novas cidades seriam formadas e estradas construídas, a energia elétrica iluminaria as novas idéias que surgiriam. Era este o ciclo inescapável do progresso. O destino paranaense, segundo Nascimento, era esse: progredir, expandir e transformar-se tendo como base seu meio natural.

Eram esses os passos para a construção de uma civilização ligada ao progresso, à ciência, à indústria e ao desenvolvimento técnico. Alguns problemas deveriam ser solucionados para construir uma identidade unificada: faltava definir as fronteiras geográficas, resolver as disputas territoriais, aproximar o governo ao interior, havia poucas estradas, pouca ordem, quase nenhuma lei. Era necessário aumentar a densidade demográfica, colonizar, industrializar, modernizar as tecnologias empregadas. O Paraná e seus habitantes seriam forjados a partir da natureza. Para Nascimento a identidade paranaense era intrinsecamente subordinada a condição natural que o estado possuía. Natureza e homem deveriam sofrer algumas modificações em nome do futuro do Paraná.

<sup>26</sup> NASCIMENTO, Domingos. *A hulha branca no Paraná*. Rio de Janeiro: Turnauer & Machado Cia, 1914. p.89.